

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS ESTRANHAS VIAGENS DE FERNANDO FERNÁN-GÓMEZ
21 e 27 de Fevereiro de 2026

EL VIAJE A NINGUNA PARTE / 1986

Um filme de Fernando Fernán-Gómez

Realização: Fernando Fernán-Gómez / Argumento: Fernando Fernán-Gómez, baseado num romance de sua autoria / Direcção de Fotografia: José Luis Alcaine / Cenários: Julio Esteban / Música: Pedro Iturralde / Som: Daniel Goldstein e Ricardo Steinberg / Montagem: Pablo del Amo / Interpretação: José Sacristán (Carlos Galván), Laura del Sol (Juanita Plaza), Juan Diego (Sergio Maldonado), Maria Luisa Ponte (Julia Iniesta), Gabino Diego (Carlos Piñeiro), Nuria Gallardo (Rosita del Valle), Fernando Fernán-Gómez (Don Arturo), Queta Claver (Doña Leonor), Emma Cohen (Sor Martirio), Agustín González (Zacarias), Carlos Lemos (Daniel Otero), Miguel Rellán (Dr. Arencibia), etc.

Produção: Ganesh Producciones Cinematograficas - TVE / Cópia: digital, colorida, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 134 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

El Viaje a Ninguna Parte é o mais famoso dos filmes “tardios” de Fernando Fernán-Gómez, que ainda realizou um valente punhado deles até ao ano 2000, ano em que com **Lázaro de Tormes** pôs um fim ao trabalho de realizador de cinema. A estreia do filme coincidiu com a instituição dos prémios oficiais do cinema espanhol, conhecidos como “os Goya”, e **El Viaje a Ninguna Parte** foi a estrela da primeira edição, arrebatando os principais prémios: melhor filme, melhor realização, melhor argumento. Dois deles (realização e argumento) foram pessoalmente para as mãos de Fernán-Gómez que já havia escrito o romance em que baseou o argumento, e antes disso a base do romance, um “seriado radiofónico” concebido para uma emissora espanhola (a mesma ideia a passar, retrabalhada, por três meios diferentes, rádio, literatura e cinema: eis uma boa medida da febril espiral criativa do autor).

Actor nascido numa família de actores, desde sempre ligado ao teatro, e interessado na articulação entre teatro e cinema (como se vê muito bem em **La Venganza de Don Mendo**, que vimos esta tarde, e cuja peça teatral que lhe serviu de base até é mencionada em **El Viaje a Ninguna Parte**), este foi o momento em que, presumivelmente, Fernán-Gómez mais aprofundou o olhar sobre o teatro e sobre os actores, enquadrando-o contra um fundo histórico de transformações culturais e pintalgando-o com uns reflexos que se adivinham ter algo de autobiográfico (dir-se-ia, a este respeito que haverá um pouco, um q.b., de Fernán-Gómez distribuído pelos representantes das três gerações de Galváns, o avô, que é interpretado por ele próprio, o pai, José Sacristán, que é o protagonista, e o filho, Gabino Diego, que é o menos “tradicionalista”).

Embora seja um cinema diferente, totalmente distante do “formalismo” de Theo Angelopoulos, não são de facto descabidas as aproximações ao **O Thiassos** (“A Viagem do Artistas”) do realizador grego. Também aqui, a troupe de actores ambulantes, e as suas deambulações pela aridez da terra castelhana (a imagem leit-motiv, o grupo a calcorrear a pé as estradas abandonadas do centro de Espanha, lembra bastante as caminhadas dos comensais

frustrados do **Charme Discret de la Bourgeoisie** de Buñuel, por acaso ou não), serve para fazer um levantamento, sócio-cultural digamos, da ruralidade espanhola nos primeiros anos do pós-guerra civil. Independentemente da continuidade no desenvolvimento das relações, bastante complexas, entre os membros da troupe (ou da família), cada paragem numa aldeia é como um “episódio” diferente (provavelmente um resquício da estrutura original, lembrando que isto começou por ser o tal “seriado radiofónico”), que destaca coisas diferentes, questões económicas (a penúria, a fome), questões de costumes, ou um ambiente que está longe de ter sarado as divisões da Guerra Civil (“son rojos! son rojos!”). E evidentemente, a nêmesis da troupe teatral, as troupes de “cineastas” que também percorriam as aldeias de Espanha, com o mesmo espírito dos actores (este tipo de actores ambulantes, uma velha tradição espanhola, era conhecido como “cómicos de la légua”) mas oferecendo um espectáculo muito diferente e cada vez mais sedutor, o cinema. Em parte, a história do filme é também a da progressiva cedência, ou rendição, do teatro ao cinema; e mesmo que esta seja uma história dramática pode ter momentos de uma comicidade hilariante, como quando aos actores aceitam pequenos papéis num filme que se está a rodar por ali, e o patriarca Don Arturo (o próprio Fernán-Gómez) actua perante a câmara com toda a exagerada artificialidade do mais tradicional “estilo” teatral, para fúria incontrolável do realizador (“me cago en el padre de los hermanos Lumière!”), frase que se ouvirá ainda mais uma vez).

Há um momento em que isto chega ao fim, em que se assume que os “cómicos de la légua” são uma coisa do passado, e aí o filme muda. É quando Carlos Galván abandona a troupe e se muda para Madrid, com a explícita intenção de singrar no mundo do “inimigo”, o cinema. Começa, aliás, por ser uma coisa que outras personagens de Fernán-Gómez (o Antonio do díptico **La Vida por Delante / La Vida Alrededor**) também faziam como biscate: ser figurante nos filmes rodados nos estúdios madrilenos. O terço final é esta saga a “solo” de Carlos, cheio de “referências” aos meios do cinema espanhol dos anos 40, 50, 60 (actores e actrizes, realizadores como Berlanga), relatando o seu caminho para se tornar uma grande estrela.

Só que... Só que esse terço final é, por cima disso, um olhar agridoce sobre a mitomania do protagonista, “narrador incerto” na verdadeira acepção do termo, e desde o princípio (o grande plano inicial de Carlos em velho, lançando uma narração em flash-back) a voz que conta a história e que conduz o olhar por este mergulho no passado. O momento em que o Dr. Arancibia lhe diz que tudo é mentira, que ele nunca teve um papel com mais do que uma frase, que nunca foi capa de nenhuma revista, que nunca teve nenhum romance com nenhuma vedeta, que nunca, sequer algum crítico escreveu uma linha, boa ou má, sobre ele – esse momento, dizíamos, encenado com a brutalidade devida a um momento em que se mata à machadada uma mentira piedosa, muda completamente o filme. Torna-se outra coisa, um olhar sobre o fracasso, sobre os sonhos frustrados mas sublimados num delírio de grandeza, sobre as falsas promessas do mundo culturalmente elitista de Madrid, sobre a estagnação social do franquismo, e aproxima-se decisivamente dessa norma das personagens de Fernán-Gómez que é terem sempre uma parede (uma parede “social”) a afastá-las dos seus sonhos e dos seus objectivos. Este Carlos Galván torna-se então, em boa medida, a mais fernán-gómezia de todas as personagens de Fernando Fernán-Gómez.

Luís Miguel Oliveira